

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL
ENTRE A DESMISTIFICAÇÃO E A UTOPIA: INDAGAÇÃO SOBRE AS LUSOFONIAS

Resumos – Abstracts

Camões e ecos da sua obra na cultura contemporânea

Maria Vitalina Leal de Matos¹

1. Depois duma revisão do contexto e principais acontecimentos da biografia de Camões (nascimento, situação social, estudos, cultura, vida em Lisboa, prisão e partida para a Índia), faz-se alguns apontamentos sobre a sua obra.
2. Trata-se depois de aspectos d' *Os Lusíadas*, e das suas características originais. Os dois estilos dominantes: o grandiloquo e o realista. O lado anti-épico. O Velho do Restelo.
3. O sucesso d' *Os Lusíadas*: as traduções. O simbolismo do poeta em alturas críticas da história portuguesa. O romantismo. O Ultimatum.
4. O modernismo; Fernando Pessoa, a *Mensagem* e o «supra-Camões».
5. O mito de Camões no Brasil.
6. Dois autores contemporâneos:
7. Ariano Suassuna, *A Pedra do Reino*: da epopeia à novela picaresca; a “molecagem” cervantina; a religiosidade sertaneja. A visão trágica da vida.
8. António Quadros (Grabato Dias), *As Quybýricas*: propósito, linguagem e estilo. O conteúdo: Alcácer Quibir. D. Sebastião e o destino trágico.

O Sonho e o Desejo Libertário da “Lusa Macaense” Lee-Li Yang: O Heterónimo Feminino na poética de Virgílio de Lemos

Isabel Morais²

Virgílio de Lemos (1929-2013), poeta de vanguarda, é um dos precursores da modernidade e experimentalismo nas letras moçambicanas como criador do “barroquismo estético” que, segundo ele próprio, designou a linguagem poética naquele país nas primeiras décadas do século XX. Será ainda porventura o mais cosmopolita e universal dos poetas de Moçambique, mercê duma poética ancorada numa articulação estética e ideológica com as múltiplas mestiçagens locais étnicas e culturais. Empenhado na contestação ao regime colonial através da resistência estética e política, é autor de um dos mais belos poemas libertários em língua portuguesa, o que lhe valeu a censura da polícia política, a prisão por subversão, e, por último, o exílio voluntário em França. Mas, é sobretudo a sua escrita heteronímica feminina sob o “*nom de plume*” da “lusa macaense” Lee-Li Yang, dedicada ao altar ego do poeta e um dos seus heterónimos (Duarte Galvão) um dos traços mais singulares da sua poética como experiência pioneira iniciada por Fernando Pessoa na lírica portuguesa. No estudo aqui proposto pretende-se apresentar uma breve abordagem à poética heteronímica de Virgílio de Lemos, publicada entre 1944-1963. Nestes poemas, onde a “linguagem estética de ruptura”, por vezes sob a forma de escrita epistolar, questiona os cânones estéticos e eurocêntricos da época, o eu-lírico subverte a subalternidade social feminina dos paradigmas do

¹ Professora catedrática jubilada da Universidade de Lisboa e da Universidade Católica de Portugal.

² Professora Associada da Universidade de São José.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL
ENTRE A DESMISTIFICAÇÃO E A UTOPIA: INDAGAÇÃO SOBRE AS LUSOFONIAS

discurso patriarcal luso tropicalista para assumir de corpo inteiro uma nova subjectividade feminina onde o discurso erótico reclama a libertação sexual e o sonho libertário duma futura pátria. (243 wrds.)

Palavras-Chave: mestiçagens; barroquismo estético; heteronímia; feminino; ruptura;, desejo; libertação sexual; sonho libertário

“Na orla do mundo o absoluto existe”: os casos de Camilo Pessanha e Maria Ana Acciaioli Tamagnini

Vera Borges³

Camilo Pessanha e Maria Ana Tamagnini coincidiram em Macau, no princípio do séc.XX, bem como no apreço extremo pela cultura chinesa. Propomo-nos evocar a poesia de um e de outro, trabalhando a proposta da estética do exotismo na perspectiva de Vitor Segalen. O encontro com o radicalmente outro, longínquo no espaço e no tempo, permitiria a epifania da descoberta do real absoluto. Em Maria Ana Tamagnini, uma experiência afim pode reconhecer-se em certas imagens de *Lin Tchi Fá*. Camilo Pessanha teria muito prematuramente, como todos os grandes poetas, a intuição muito clara de que apenas a poesia seria via de acesso a essa realidade absoluta. Não foi a China, nem a paisagem macaense a oferecer-lhe essa experiência; na poesia chinesa, que traduziu, na escrita chinesa, que se dedicou a decifrar, encontrou materializadas as propriedades ou poderes que outros buscarão em escritas mágicas, inscrições cabalísticas, outras tantas revelações dessa absoluta realidade que pode coincidir com o nome de Deus, inominável origem ou límpido vazío original em que o ser humano sonha dissolver-se.

Palavras-Chave: China, natureza, paisagem, poesia.

The Luso and the Sino: On the Politics of “Phonies”

Cathryn H. Clayton⁴

Abstract: At the same time that postcolonial academics have critiqued the concept of “lusofonia” as a construct that celebrates the global reach of Portuguese identities while glossing over the violence and inequalities of the historical processes of Portuguese imperialism that created them – thus making it all but impossible to use the term “lusophone” unproblematically – scholars in the field of Chinese literature and cultural studies have increasingly embraced the notion of “the sinophone”

³ Doutorada em Literatura pela Universidade de Lisboa com uma tese sobre a poesia pura, Cinatti, Sopia de Mello Breyner e Eugénio de Andrade. Leccionou durante 16 anos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É Assistant Professor na Universidade de São José em Macau desde 2013.
E-mail : vera.borges@usj.edu.mo

⁴ Professora Associada, University of Hawaii at Manoa.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL
ENTRE A DESMISTIFICAÇÃO E A UTOPIA: INDAGAÇÃO SOBRE AS LUSOFONIAS

as a *solution* to the problems that inhere in other concepts used in the study of Chinese cultures and identities around the world, such as “overseas Chinese,” “diaspora,” and “transnationalism.” This paper asks what we can learn about the importance of contexts – social, historical, academic – to the definition and usage of concepts by juxtaposing recent discourses on lusophone and sinophone studies. What are their respective historical mystifications? Their utopian aspirations? Grounded in reflections on the shifting position of Macau in both these discourses, this paper asks how this juxtaposition may produce new insights into the politics of lusophony and sinophony, thus both sharpening their critical edge and enhancing their utopian potential.

keywords: lusophone, sinophone, diaspora, Macau

Lusophony and Francophony: One Same Struggle, Essential Differences

Émilie Tran⁵

French and Portuguese are two languages that share a common linguistic origin and both languages have spread around the world shaping global history. Consequently, both are to this day spoken on the five continents by peoples from distinct cultures. Thus lusophony and francophony exemplify the diversity of cultures, but at the same time the connectivity between those different cultures.

Lusophony and francophony face the same challenges: indeed, they have been trying to assert their respective relevance in an ever globalized world, in which English has become the uncontested *lingua franca*, while in recent years Mandarin Chinese has been growing in popularity due to China’s rising status in the world economy, and reflected in the rise of her Confucius Institutes.

Although lusophony and francophony seem to be embarked on the same struggle against those two linguistic Goliaths, there are also essential differences between lusophony and francophony in their respective historical background and current institutional development.

A redundância crítica nas suspeitas lançadas sobre a Lusofonia (Eduardo Lourenço, José Gil, Luís Bernardo Honwana, Ngomane, etc.)

⁵ Professora Associada, Coordenadora do Programa de Governmental Studies da Faculdade de Administração e Liderança da Universidade de São José.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL
ENTRE A DESMISTIFICAÇÃO E A UTOPIA: INDAGAÇÃO SOBRE AS LUSOFONIAS

Manuel Afonso Costa⁶

O conceito de Lusofonia é antes de tudo o resto um conceito operativo. Não mais do que isso. E a primeira consequência dele, é que ele produz informação e sentido. Os conceitos sintetizam informação e acrescentam realidade. Isto é, eles são duplamente produtores, produtores num plano empírico, digamos assim, recortando do caos da realidade uma realidade particular identificável a partir daí pelos seus contornos e fronteiras e ainda pelo seu território, e produtores de significação potencial inscrita nas zonas ambíguas do conceito, ou seja naquelas zonas de significação em que o conceito mobiliza outros conceitos e pode mobilizar até outros aspectos da realidade, sendo que estas regiões da realidade estimulada podem ser reais ou simbólicos, da ordem da ideologia ou mesmo da ordem do mito. Isso é uma inevitabilidade da imensa capacidade generativa dos conceitos. Pense-se por exemplo num conceito geo-estratégico como o conceito de Mitteleuropa e pense-se o que sob uma forma concentrada este conceito guarda e acumula em si, a quantidade impressionante de informação, seja ela histórica, sentimental ou afectiva, linguística, filosófica, política e sobretudo simbólica.

O mesmo se passa com o conceito de Lusofonia. Mas se por acaso o conceito acumula também alguns elementos de natureza ideológica, eventualmente antagónicos e contraditórios é justamente por que ele cumpre as funções heurísticas inerentes a todos os conceitos. Os conceitos são sempre fonte de luz e de sombra, de qualquer modo de progresso, numa zona do conhecimento que eles vêm delimitar positivamente. Os conceitos são chaves que abrem muitas vezes as portas de zonas opacas da realidade ou do conhecimento mas que abrem também inevitavelmente novas caixas de Pandora.

Do Cais à Feitoria, entre o Terreiro e o Salão: o Português, língua franca no Sudeste Asiático (séc. XVII).

Vitor Teixeira⁷

A língua portuguesa no Sudeste Asiático assumiu no século XVII, nomeadamente, um papel de extrema importância, não apenas cultural, mas política, económico e social. Língua franca de negócios, o português, ou os seus "papeamentos" e crioulos, tornou-se mesmo na língua de contacto e comunicação entre povos naturais do Sudeste Asiático e Europeus, com destaque para os Holandeses da Companhia das Índias Orientais (VOC, de *Vereenigde Oost-Indische*

⁶ Professor universitário, licenciado em Engenharia pela Universidade Técnica de Lisboa e em História pela Universidade Clássica de Lisboa, doutorou-se no Departamento de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa. Tem vindo a publicar ficção, poesia e ensaios sobre alteridade, Lévinas, modernidade e pós modernidade e ainda sobre a ideia de felicidade em revistas de história e filosofia e em suplementos literários em Portugal, França, Galiza e Brasil. Realizou palestras de história, cultura, literatura e filosofia em Lisboa, Aveiro, Setúbal, Coimbra, Santiago de Compostela, Macau, Aix-en-Provence, Montpellier, Nimes, Marselha, Cannes, etc. Dinamizou programas de rádio sobre temas de cultura, filosofia e história.
e-mail: manafcost@sapo.pt

⁷ Professor Auxiliar, Universidade de São José.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL
ENTRE A DESMISTIFICAÇÃO E A UTOPIA: INDAGAÇÃO SOBRE AS LUSOFONIAS

Compagnie), com sede em Batávia (actual Jacarta, Indonésia), chegando a ser usada em patamares de erudição e cortesia. Em muitos casos, curiosamente, era ensinado, ou difundido, não por Portugueses ou até euro-asiáticos...

Língua, património e identidade nas crónicas de Maria Judite de Carvalho

Maria João Pais do Amaral⁸

Centrado nas crónicas de Maria Judite publicadas em volume, o caminho que aqui nos propomos trilhar quer-se percurso de demanda e indagação do sentido das reflexões aí expendidas pela autora em torno da língua portuguesa, património comum a várias comunidades de falantes espalhadas pelo mundo cuja diversidade e riqueza a cronista se empenha em valorizar.

Desvalorizados, apenas certos aspetos particulares do uso do português que nitidamente o descaracterizam, certos modos (e modas) de falar que vão muito além do abuso de estrangeirismos – ou de diminutivos, eufemismos e bordões linguísticos. Abrangendo uma vasta gama de usos da língua, nalguns casos vistos como reflexo de uma organização socioeconómica injusta e discriminatória e de uma *forma mentis* que o advento da democracia e da globalização não lograram alterar, o que nestas crónicas acima de tudo se denuncia, de forma tão lúcida quanto desassomburada e atual, são os sinais da crescente delapidação de um património constitutivo de identidade – portuguesa, sem dúvida, mas também lusófona.

Indissociável da defesa desse património linguístico, a denúncia, em tantas outras crónicas, da descaracterização e alienação do património arquitetónico, urbanístico e natural, de todo um património cultural português, em suma – gentes incluídas. Um património que a voragem do tempo, a globalização e o consumismo acelerados, a mecanização do indivíduo e a desumanização das relações sociais, se têm encarregado de acentuar mas que a autora nunca cessou de buscar e tentar preservar, procurando nas raízes uma identidade que, já à época, sentia perdida ou em vias de se perder – e que da língua materna, tão frágil quanto sólido esteio, começa por se alimentar.

Palavras-chave: língua; património; identidade.

Abstract

Language, cultural heritage and identity in the chronicles of Maria Judite de Carvalho

⁸ Hankuk University of Foreign Studies, Seul (Docente do Camões, Instituto da Língua e da Cooperação, na Faculdade de Línguas Ocidentais). Investigadora do CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL
ENTRE A DESMISTIFICAÇÃO E A UTOPIA: INDAGAÇÃO SOBRE AS LUSOFONIAS

We will focus on Maria Judite de Carvalho's chronicles that are published in books in order to unveil the meaning of the writer's reflections on Portuguese language, which she considers a shared and, therefore, rich and diverse heritage of several speaking communities all over the world. Beyond that richness and that diversity, though, some aspects of Portuguese language use, some ways (and fashionable ways) of speaking and writing it, are highly and lucidly criticised by the author since they contribute to ruin Portuguese specific features. Foreign words, but also diminutives, euphemisms and catch-phrases are some of the aspects Maria Judite takes into consideration in her chronicles, viewing them as a reflection of both an unfair economic and social organization and a *forma mentis* that not even democracy or, even less, globalization could change. Above all, though, these ways of speaking and writing the author criticises are the alarming signs of the increasing deterioration of a heritage that is strongly linked to Portuguese identity – not to say to a broader Portuguese speaking identity.

Her chronicles are, thus, one of the most lucid, daring and up-to-date denunciation of the deterioration and alienation not only of our linguistic heritage, but also of a broader cultural and natural Portuguese heritage, which includes urbanism, landscape and people. A heritage that time's speed and fast globalization, consumerism, individuals' mechanization and dehumanization have not ceased to increase but which the author also never ceased searching and trying to preserve, always seeking the roots of an identity that, already back then, she felt was about to fade. Besides other sources, Maria Judite found it in mother tongue, perhaps the first and also the most fragile, and yet the most solid, of them all.

Key-words: language; heritage; identity.

Peculiaridades dos Títulos de Senna Fernandes

Margarida Conde⁹

Pretendemos com este estudo analisar a simbologia cultural implícita nos títulos das obras de Senna Fernandes (Trança Feiticeira; Amor e Dedinhos de Pé; Os Dores) e destacar as peculiaridades contidas nos ícones “trança”, “pés” e “dores”.

Começamos por destacar a simbologia da trança como uma expressão de sedução, vaidade, força moral e física, status social, estado civil e, simultaneamente, estabelecemos uma correlação com o uso da trança ao longo da história de civilizações como elemento denotador de uma identidade e idiossincrasia, bem patente em “Trança Feiticeira”.

⁹ Licenciada em Filosofia e Humanidades pela Universidade Católica. Mestre em Língua e Cultura Portuguesas, na variante de Estudos Linguísticos pela Universidade de Macau. Atualmente, é colaboradora da Universidade de Macau e Universidade de São José, como professora de Português como Língua Estrangeira. Email: margaridaconde@hotmail.com

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL
ENTRE A DESMISTIFICAÇÃO E A UTOPIA: INDAGAÇÃO SOBRE AS LUSOFONIAS

Evidenciamos os pés como ícone cultural, simbolizando o homem e o seu percurso que deixa as suas marcas / pegadas no solo ou na vida. Estabelecemos um paralelismo entre o pé do homem que marca o caminho, e a conduta de Francisco Frontaria que marcou o seu percurso, através das suas ações, em função do seu livre-arbítrio e, inversamente, carregou consigo as marcas deploráveis do mesmo caminho percorrido. Concluimos que o duplo simbolismo pé, pegadas leva obrigatoriamente a uma necessidade de remissão/purificação também encontrada por Senna Fernandes, em *Amor e Dedinhos do Pé*. Francisco Frontaria é transformado e redimido física e moralmente através do tratamento efetuado por Victorina Vidal aos seus pés, na descrição do qual notamos influências de uma imagética da cultura tradicional chinesa e macaense.

Em “Os Dores” apresentamos alegoricamente outra face da identidade macaense, a de uma descendência sem passado nem glória. Uma geração de “filhos da terra” desprovidos de ancestrais históricos, filhos ilegítimos, geralmente de mãe chinesa e pai português, sem um passado identitário encontrado nos Frontarias, Vidais ou até mesmo nos Aurélios e Policarpus. Encontramos em “Os Dores”, uma descrição objetiva e profunda do fenómeno da ilegitimidade, profícua entre as gentes de Macau do início do século XX, e das suas repercussões na sociedade. Porque filhos de pais incógnitos sofrem de pobreza e de abandono, tornando-se vítimas fáceis de maus tratos e exclusão social.

Palavras-Chave: cultura ancestral, ícones tradicionais, identidade, literatura de Macau.

O oriente entre escritas...

Ana Prazeres Vairinhos ¹⁰

O presente artigo representa uma tentativa de comparação e relacionamento entre três textos da literatura sobre Macau e o Oriente: dois contos e um poema, três autores, três olhares sobre a mesma realidade. São objeto de estudo os contos *A Porta do Cerco* e *O Homem da Meia-Vida*, respectivamente de Altino do Tojal e Maria Ondina Braga e o poema *Pátio da Ilusão* de João Rui Azeredes. Procura-se encontrar neste “corpus” um denominador comum, não tanto ao nível do estilo, mas ao nível da temática eleita e da especificidade da perspectiva conseguida pelos autores.

Macau surge como a plataforma a partir da qual se perspectivam olhares sobre o *diverso*. Mais do que sobre o Oriente, são escritas portuguesas no Oriente, portuguesas que olharam Macau, e que sobre ele deixaram uma visão, nestes textos em particular, marcada pelo fascínio, o sonho, a ilusão, o refúgio. Descreveram o Oriente como espaço de renascimento, de reencontro do Eu consigo próprio e, possivelmente, com o *Outro*. O Oriente é refúgio, mistério e esperança no futuro de Quelhas e na aldeia chinesa (In *A Porta do Cerco*); no passado do opiómano e nas relíquias do

¹⁰ Licenciada em Filosofia pela Universidade Católica. Pós-graduada em Língua e Cultura Portuguesa, na variante de Estudos Literários pela Universidade de Macau (conclusão da parte curricular do mestrado). Colaboradora na Universidade de São José, como professora de Português como Língua Estrangeira. Email: prazeresvairinhos@gmail.com

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL
ENTRE A DESMISTIFICAÇÃO E A UTOPIA: INDAGAÇÃO SOBRE AS LUSOFONIAS

antiquário (In *O Homem da Meia-Vida*); no espaço/ pátio macaense de Rui Azeredo (In *Pátio da Ilusão*).

Isola-se aqui uma hipótese interpretativa partilhada, questiona-se a possibilidade do Oriente ser uma invenção, até certo ponto literária, do Ocidente [Edward Said sugere em *Orientalism* (1978)]. Poderá a descoberta da alteridade ter dado lugar à construção de alternativas imaginárias? Poderemos considerar a própria distância como foco de origem da sensação de “exótico”? Faz sentido questionar a existência real do exótico, ou poderemos integrá-lo no domínio da criação imaginária produto do distanciamento entre o Eu e o Diferente?

Palavras-Chave: alteridade, não-lugar, exotismo, literatura de Macau.

Os equívocos da lusofonia e as políticas de língua na lusofonia

Carlos Ascenso André ¹¹

Lusofonia, como francofonia ou anglofonia? Ou simplesmente língua portuguesa? Ou expressão portuguesa?

A dúvida parece persistente e insistente e interpela, com ou sem razão, os estudiosos, os curiosos, os fazedores de opinião, os especialistas, os entendidos e os desentendidos. E até os mal entendidos, mas essa será uma outra questão que bem longe nos levaria. Interpela, dir-se-ia, instintivamente, como sempre acontece quando alguém lança a pedra na engrenagem. E interpela de forma não inocente, antes com pretensos contornos científicos e assumidos contornos políticos, com suspeições de neocolonialismo à mistura.

O papel dos referenciais no planeamento político-linguístico em contextos multilingues

Maria José Grosso¹²

Este texto constitui uma reflexão sobre a difusão e ensino da língua portuguesa, como língua oficial em diferentes contextos de todos os continentes e como essa realidade dificilmente é contemplada num planeamento político-linguístico concreto.

Embora diferenciados e complexos, há nesses contextos elementos que numa perspetiva global podem ser transversais, exemplo: as línguas maternas são diferentes da língua de escolarização (língua portuguesa); o ensino no contexto educativo através dos manuais ou do professor

¹¹ Coordenador do Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa, Instituto Politécnico de Macau.

¹² Professora Associada da Universidade de Macau.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL
ENTRE A DESMISTIFICAÇÃO E A UTOPIA: INDAGAÇÃO SOBRE AS LUSOFONIAS

diferencia-se geralmente das realidades vivenciadas pelo próprio aluno; é na língua escrita que emergem as maiores dificuldades do público-aprendente.

Para contextos multilingues e multiculturais, a aplicação dum referencial é particularmente importante, pois além de captar a diversidade linguística e cultural, também a gere, afastando-se de modelos de planeamento linguístico tendencialmente monolíngue e monocultural.

Um referencial para o ensino aprendizagem dum língua tem em conta necessidades particulares de comunicação, sem que estas deixem a relação com as necessidades gerais e comuns; é um documento-base, com diferentes papéis, designadamente político-linguísticos, orientadores na compreensão e produção entre diferentes sistemas e contextos, ponto de partida para pensar num curso ou programa de língua, numa planificação, num material pedagógico, numa avaliação e certificação.

palavras-chave: referencial; multilingue; língua segunda

"Os Rios e suas Margens", ou o desafio da *alteridade*

Carlos Frota¹³

Convidado a partilhar reflexões sobre a lusofonia em Macau, um modesto testemunho pessoal incide sobre um livro de poesia aqui publicado em 1998.

Esse livro amadureceu como uma primeira resposta ao fascínio de Macau, ao mistério de Macau, à ânsia de compreender Macau.

Quando em 1997 começou a ser escrito, "Os Rios e suas Margens" correspondeu a uma urgência interior, ao apelo para compor a minha conversa comigo mesmo, sobre este lugar mágico.

Pressenti desde logo o fascínio da *alteridade*, a presença de um Outro que me importou desde logo compreender,

através das *palavras*, ditas e escritas na minha língua materna.

E o olhar lusófono, humilde pela estranheza e originalidade do que observa, não pede à expressão portuguesa do nosso idioma outras verdades, outros conceitos ou outros "óculos" que se imponham à verdade intrínseca das pessoas e dos lugares.

A plasticidade da nossa língua, construída ela própria de muitas diferenças, presta-se admiravelmente ao humilde mas empolgante desafio de captar a alteridade e seus tesouros.

Para nós Macau só pode ser uma terra de afectos, mesmo hoje, para além do pragmatismo da vida e suas escolhas.

Quem o esquece não lança raízes; e como as plantas, um pouco de solo é preciso, mesmo que

¹³ Docente da Universidade de São José. Ex-Cônsul-geral de Portugal em Macau, Ex-Embaixador de Portugal na Indonésia.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL
ENTRE A DESMISTIFICAÇÃO E A UTOPIA: INDAGAÇÃO SOBRE AS LUSOFONIAS

a estadia seja reduzida a poucas estações.

E o que é o afecto em presença do Outro? E a vontade sincera de o compreender na sua diferença.

Que *olhar* lusófono, pois, sobre Macau ?

O discurso poético lusófono e o discurso da comunhão afectiva e cultural com um povo e uma região, com um país e uma nação, a que a História nos ligou de modo insofismável.